



AS MUITAS 'AMAZÔNIAS' | Tese orientada por professora da Unicamp fala das vozes do Amazonas que o Brasil precisa ouvir **P4**

UNICAMP

Voices das 'Amazônias' pedem para ser ouvidas pelos brasileiros

Tese analisa os movimentos sociais e redes de mobilização na região, com foco na Hidrelétrica de Belo Monte

LUIZ SUGIMOTO
CAMPINAS-UNICAMP

“Mostrar que existem várias vozes na Amazônia, vozes dizendo que existem diversas Amazônia que precisam ser ouvidas pela população brasileira, e não somente pelas autoridades”, é a contribuição que Lucas Milhomens, jornalista e professor da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) em Parintins, espera dar com a tese de doutorado “Movimentos sociais e redes de mobilização na Amazônia: o caso da Hidrelétrica de Belo Monte”. Ele teve a orientação de Maria da Glória Gohn, docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e uma das mais conceituadas estudiosas de movimentos sociais na América Latina.

Lucas Milhomens traz uma trajetória familiar diretamente ligada a grandes projetos conduzidos pelo regime militar, vivenciando na infância e adolescência, ainda que inconscientemente, os impactos e conflitos gerados por obras como Itaipu, Transamazônica e Tucuruí, levado pelo pai “peão de trecho” – funcionário de confiança que era seguidamente deslocado para esses pontos remotos do país. O capítulo “Filho dos grandes projetos: os porquês da pesquisa e do pesquisador” foi uma sugestão da banca de qualificação. “Em muitos momentos nos identificamos não só com os atores envolvidos, mas também com as situações descritas e analisadas à luz do arcabouço teórico”, observa o jornalista.

HISTÓRIA DE CULTURA

Segundo Lucas, a tese, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), analisa os fatores históricos e socioculturais que viabilizaram o surgimento de uma série de grupos e movimentos sociais organizados que atuam na Amazônia, especialmente em cidades como Altamira (PA), município permeado por uma sobreposição de conflitos sociais que datam desde o início do governo civil-militar nos anos 1960. “Em Altamira foram planejados grandes projetos de infraestrutura que geraram uma série de impactos sociais, econômicos e ambientais, atingindo sobretudo povos tradicionais e populações indígenas – casos da construção da rodovia Transamazônica nos anos de 1970 e da Usina Hidrelétrica de Belo Monte inaugurada em 2016.”

O jornalista e professor Lucas

Milhomens, autor da tese: “O grande problema amazônico, que vem desde o processo de colonização, é que a região foi concebida para ser usurpada, extraída e abandonada”.

O objetivo do autor foi compreender o que são esses movimentos, como foram constituídos historicamente e como se articulam e se organizam tanto para combater os projetos de intervenção como para minimizar seus impactos nas comunidades. “A intervenção do governo civil-militar representou um novo paradigma na Amazônia, que mudou a dinâmica da população e gerou uma reação de movimentos organizados. Nesta reação, destaco a importante presença da Igreja Católica ligada à Teologia da Libertação – que gestou política e ideologicamente outras organizações e movimentos sociais.”

Uma questão relevante para o pesquisador é que, ao se falar da Amazônia, ela seja colocada no plural. “São diversas Amazônia, que compreendem quase 60% do território nacional. Os indígenas sempre foram personagens centrais, afinal de contas, o Xingu é um rio indígena, que corre do Mato Grosso ao Pará, tendo dezenas de comunidades indígenas vivendo há milênios em suas margens. Mas outros personagens fazem parte deste processo, como os ribeirinhos e trabalhadores rurais que para lá migraram muito antes da Transamazônica”.

Lucas Milhomens observa que os migrantes que lá permaneceram constituíram populações igualmente amazônicas, havendo uma presença bastante forte de nordestinos. “Não é possível pensar em lugar algum da região sem pensar no Nordeste, pois os migrantes ajudaram a moldar a cultura das Amazônia desde os primeiros ciclos da borracha. Nos últimos 50 anos também é marcante a presença de imigrantes gaúchos e paranaenses.”

TRANSAMAZÔNICA

O autor da tese justifica o foco em Altamira por seu histórico de conflitos sociais envolvendo a terra e a própria Transamazônica, projeto dos militares para ligar o Nordeste ao Norte. “O trecho principal da rodovia está em Altamira, conhecida inclusive como a ‘capital da Transamazônica’”. A obra trouxe um impacto de proporções ainda não estudadas por pesquisadores, pois ela não foi concluída e até hoje se sente as consequências. Estive na rodovia em período de seca e alguns trechos



RESISTÊNCIA | Belo Monte é mais uma das lutas dos movimentos sociais em defesa da Amazônia

têm crateras do tamanho de um ônibus; com as chuvas, o tráfego fica inviável”.

Milhomens lembra que mesmo os governos ditos democráticos que se seguiram após 1984, ao fim da ditadura, mantiveram a mesma política de “desenvolvimento” para a Amazônia. “A própria Belo Monte foi pensada em pleno regime militar e tentaram colocá-la em prática no final dos anos 80, a partir de outras experiências, como Tucuruí. Mas houve a mobilização dos movimentos sociais, sobretudo dos indígenas, com denúncias à ONU e outras instâncias internacionais. A reação fez com que o Banco Mundial cancelasse o empréstimo e a construção da então chamada Hidrelétrica do Kakarão acabou suspensa. A discussão foi retomada nos anos 2000, com nova roupagem

e o nome de Belo Monte”.

ATIVISTAS

Para o jornalista, a atuação dos ativistas reflete a consciência de que a Amazônia deve ser não apenas preservada, mas conhecida de fato pela população do Brasil e do planeta. “Impressiona a mim, morador há dez anos na região, que pessoas de outros lugares do mundo estudem e falem da Amazônia com muito mais propriedade do que os brasileiros. A resistência dos movimentos sociais contribuiu para a divulgação mundial de questões como os impactos das hidrelétricas – Belo Monte é a maior delas, mas há um projeto para cerca de 40 usinas espalhadas por toda a Amazônia, segundo o Plano Decenal de Expansão de Energia do Governo Federal para os próximos anos”.

Essa articulação, diz o pesqui-

sador, gera outras campanhas, como a movida atualmente contra uma multinacional canadense, também em Altamira. “Além da hidrelétrica, existe uma grande ameaça chamada Belo Sun, que está implantando a maior mineradora de ouro do Brasil, a 10 km da barragem. Impactos absurdos virão com a extração de ouro, em que se utiliza produtos altamente nocivos ao meio ambiente. E os maiores impactados são novamente os indígenas, que já foram deslocados. Em entrevista à jornalista Eliane Brum, a procuradora da República em Altamira, Thais Santi, utilizou o termo antropológico que melhor caracteriza o que aconteceu na região com a Belo Monte: etnocídio, crime pelo qual o Estado brasileiro está sendo denunciado pelo Ministério Público Federal.”

Mobilização e novas ameaças na Amazônia

Na tese também são analisadas as redes de mobilização, articuladas entre movimentos sociais e entidades parceiras que utilizam a internet e outros meios digitais de forma sistemática e orgânica. “Essas redes são um tema trabalhado por grupos urbanos, mas não no meio amazônico. Trata-se da produção de textos, material audiovisual, documentários e até ficção para divulgar suas bandeiras. A estrutura tecnológica é um gargalo – em muitos lugares a fibra óptica não chega –, mas assim mesmo, nos últimos cinco anos, Belo Monte tem sido um dos assuntos mais discutidos no país, por conta desses atores sociais. A internet é fundamental porque a mídia convencional não aborda essas

questões na mesma perspectiva dos movimentos.”

Lucas atenta que todo esse processo de resistência também gera educação, no sentido de aprendizado. “A própria ação, em si, gera o conhecimento que será utilizado posteriormente ou durante o processo, os movimentos aprendem com seus equívocos. Por exemplo: apesar de a hidrelétrica ter sido inaugurada, a luta continua, pois o governo não executou nem 5% das ações mitigatórias que lhe cabem. Há gente que ainda não tem onde morar, casas para reassentamento... Tudo isso continua em discussão.”

O autor da tese considera que hoje o cenário é o pior possível, em todos os sentidos. “Nunca se atacou tanto

a Amazônia, com medidas como a de restringir a área de proteção ambiental no Pará, em que o governo voltou atrás. Existe no Congresso Nacional um lobby da bancada ruralista, que é muito poderosa e afeta diretamente a legislação. Questões que achávamos garantidas em relação à Amazônia, não estão mais, inclusive quanto à demarcação de terras indígenas, que hoje é competência do Executivo, mas querem que o Legislativo passe a conceder ou retirar as concessões.”

Um esforço da sua pesquisa, finaliza Lucas Milhomens, é mostrar que os movimentos sociais da Amazônia existem e são fundamentais para a resistência contra ameaças que vêm de todos os lados.

ILUIZ SUGIMOTO